

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO DE PRODUÇÃO CULTURAL
LUNA SILVA LEAL SANTOS

O PORTO E AS MARAVILHAS:

Uma cidade em reconstrução

Niterói/RJ

2011

LUNA SILVA LEAL SANTOS

O PORTO E AS MARAVILHAS:

Uma cidade em reconstrução

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense, como pré-
requisito para obtenção do grau de bacharel,
sob a orientação do Profº José Maurício Saldanha.

Niterói/RJ

2011

Dedico este trabalho a minha saudosa vó Guiomar. Moradora do Morro da Conceição, foi quem me apresentou a Zona Portuária. Portelense fervorosa, foi quem me ensinou a samba e amar o carnaval !

Com carinho, da sua neta.

Luna Leal

Agradeço aos meus pais João e Fátima, meus professores de história, que com dedicação me mostraram o que ler, ouvir e escrever no trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| PARTE I: Século XX, metade da década de 90: início dos projetos de revitalização do Porto do Rio de Janeiro | 8 |
| 1 - VENDEM-SE CIDADES: O City-marketing | 9 |
| 1.1 - Panorama Mundial | 9 |
| 1.2 - O conceito | 10 |
| 2 – DE PORTO EM PORTO: Revisitando algumas zonas portuárias | 14 |
| 2.1 - O caso Baltimore | 14 |
| 2.2 - O caso Barcelona | 15 |
| 3 – A cidade do Rio de Janeiro no contexto da cidade modelo | 17 |
| 3.1 - Um breve Histórico | 17 |
| 3.2 - A construção dos vazios | 18 |
| 3.3 - Vazios? | 19 |
| 3.3.1 - Ocupação cultural | 19 |
| 3.3.2 - No Século XXI, ocupações de moradia | 20 |
| 3.4 - Novas Propostas | 20 |
| PARTE II: Início do século XXI, segunda administração do prefeito César Maia | 22 |
| 1 - “As cidades da Cidade” | 23 |

| | |
|---|-----------|
| 1.2 - A cidade do Porto | 24 |
| 2 - A Pequena África | 26 |
| 2.1 - O bairro do carnaval: uma nova centralidade Portuária | 27 |
| 2.2 - O surgimento do espetáculo | 29 |
| 3 – Os símbolos e significados | 31 |
| PARTE III: revitalização do Porto, para quem? | 33 |
| 1- Lançamento do projeto do porto maravilha | 34 |
| 2 - Políticas de Remoções | 35 |
| 3 - Cidade Olímpica | 37 |
| 4 - As vozes do Porto | 41 |
| CONCLUSÃO | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 44 |

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue é resultado de uma pesquisa experimentada. Ele mistura um pouco do trabalho profissional, com vivência acadêmica e memórias afetivas. O fato de a profissão da pesquisadora ser atravessada pelo próprio objeto de estudo, pode trazer às vezes um olhar muito crítico e, outras vezes, se esvaziar dele sem perceber.

O assunto desenvolvido é extremamente atual e está quase todos os dias em noticiários e em capas de jornais. A cidade do Rio de Janeiro está se preparando para ser sede de uma Copa do Mundo em 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016. Os meios e estratégias usadas pelo Estado e parcerias privadas para se reconstruir uma nova cidade estão sendo postos à prova pela sociedade justamente agora.

A monografia traz uma reflexão sobre como algumas cidades do mundo e o próprio Rio de Janeiro se reconstruíram em cima de projetos urbanísticos e como dialogaram com a sociedade civil. Que discursos foram construídos para se solidificar um planejamento como este?

Quando se analisa algo em meio a seu processo de produção, certas perguntas ficam um pouco sem respostas, se desenham apenas algumas análises. Por conta disso é possível enxergar este trabalho como uma fotografia. O registro feito é do agora. O trabalho de certa forma toma uma posição e se coloca como um manifesto, na intenção de não deixar que este registro vire somente história, mas que seja parte de uma luta no direito ao pertencimento da cidade.

PARTE I: Século XX, metade da década de 90: início dos projetos de revitalização do Porto do Rio de Janeiro

Tendo como referência a revitalização da zona portuária de Barcelona, o Rio de Janeiro como cidade global inicia o processo de transformação de suas zonas de vazios urbanos em áreas atraentes ao capital externo e aos cidadãos consumidores. Este é o conceito do City-Marketing, quando a cidade se transforma em um modelo a ser copiado por outras cidades e um produto a ser consumido por seus moradores e turistas.

1 - VENDEM-SE CIDADES: O City-Marketing

1.1 - Panorama mundial

A década de 70 do século XX é o início de grandes crises e transformações no mundo. Nesse período a economia amplia seus braços e começa a se tornar global. O mundo já está vivendo a sua 3ª Revolução Industrial chamada de Técnico-Científica. A base da indústria vai se modificando e deixando de ser mecânica para se tornar eletrônica. A produção industrial começa a se informatizar inovando a maquinaria e, conseqüentemente, informatizando e qualificando a sua mão de obra.

Na Europa e no Japão as economias começam a se reerguer dos pós-guerras e entrar na concorrência deste mercado globalizado. Os Estados Unidos, que ainda se colocavam como a maior potência econômica, começam a perceber que seu modelo de produção Fordista já não é mais compatível com a realidade mundial.

As novas tecnologias, oriundas da 3ª Revolução Industrial e a recuperação econômica dessas outras potências, antes arrasadas pela Segunda Guerra Mundial, impulsionaram a transição do modelo Fordista para um novo modelo. A produção padronizada do Fordismo já havia saturado o mercado que precisava se diversificar para atender as novas tecnologias. O Pós-Fordismo pautava a qualidade da produção no “Just-in-time”, modo de gestão do tempo com base no modelo japonês. Priorizavam uma produção industrial competitiva e rápida que pudesse responder sempre as demandas de mercado e os desejos do consumidor.

O Estado americano, estruturado no pensamento Keynesiano do Bem Estar Social, começava a dar sinais de crises na economia por conta dessa mudança na produção industrial mundial. Segundo Hobsbawn,

“Não seria a era de Henry Ford, mas da Benetton. Ao mesmo tempo, o simples peso do consumo do governo e da renda privada que vinda do governo (“pagamento “de transferência”, como a seguridade social e a previdência) também estabilizaram a economia... Se tanto, ambos aumentaram na era de crise, quando mais não fosse porque aumento o custo do desemprego, pensões e assistência médica.” (HOBSBAWN; ERIC, A Era dos Extremos, 1994).

Diante da pressão de economistas liberais, que defendiam o retorno de uma gestão econômica menos subsidiada pelo Governo, os Estados Nacionais começam o processo de redução de seus poderes econômicos e privatização da maioria de suas empresas estatais.

As transformações ocorridas acarretaram diretamente em uma crise conjunta entre a administração das cidades e suas gestões públicas. As conseqüências dessa mudança refletiram diretamente na infra-estrutura, nos sistemas de transporte, no saneamento básico e outras questões de responsabilidades do governo local que, por conta da crise, foram sendo sucateadas e mal geridas.

Diante desse cenário, essa nova mentalidade industrial e financeira que além de pensar uma produção mais flexível, sem estoques e com mão de obra com múltiplas tarefas, também apresenta uma desconcentração espacial de sua atividade industrial em vários centros difusos. A saída de antigas indústrias para novas centralidades em outros países e continentes foi também em busca de mão de obra mais barata e acabou gerando enorme desemprego no local de origem.

“O crescente desemprego dessas décadas não foi simplesmente cíclico, mas estrutural. Os empregos perdidos nos maus tempos não retornariam quando os tempos melhoravam: não voltariam jamais. Isso não ocorria apenas porque a nova divisão internacional do trabalho transferia indústrias de velhos países regionais e continentes para novos, transformando os velhos centros de indústrias em cinturões de ferrugem, ou ainda mais espectralmente, em paisagens urbanas semelhantes a operações plásticas onde todos os traços da antiga indústria haviam sido removidos.” (HOBBSAWN; Eric, 1994)

Essa nova produção é desassociada de um espaço geográfico fixo, e não é somente presente na produção, mas também na venda e no consumo destas mercadorias. O novo formato reconfigura os antigos centros financeiros e de produção industrial diminuindo a importância que possuíam antes.

Esse fenômeno tem como conseqüência a decadência destas antigas zonas centralizadoras de produção industrial: Antigas indústrias abandonadas, redução populacional, crescimento do desemprego e redução, por parte do governo, de investimentos básicos de infra-estrutura nestas áreas.

Por ser um fenômeno global, detectamos em várias cidades do mundo a mesma cena de abandono destas zonas. Percebemos por parte dos governos a adoção de novas políticas de Estado no intuito de recuperar essas áreas através de projetos de intervenção urbana. Nas últimas décadas estes projetos ganharam o caráter de *revitalização*.

As políticas intervencionistas surgem nesta época transitória e absorvem os conceitos de marketing que também estão surgindo neste período de transição.

1.2 - O Conceito

City-marketing, traduzido ao pé da letra, significa: cidade propaganda, cidade mercadoria, cidade produto ou cidade modelo. Pensando de uma forma mais lúdica, este termo visualmente nos remete a inúmeras cidades posicionadas nas prateleiras dos grandes mercados prontas para serem consumidas.

O interessante é pensar que as bases para a formação deste conceito, são formadas na transição do sistema Fordista para pós-Fordista: é o surgimento do Marketing. O formato mais descentralizado, específico e dinâmico de produção industrial em que se pensa mais particularmente como atender as demandas do consumidor.

É somente na década de 80, que o marketing é absorvido para esse pensamento estratégico das cidades. Os Planejamentos urbanos são sistematizados para colocá-las em um patamar de zonas estratégicas que tenham características de lugares globais: grande fluxo de estrangeiros, lugares alvos de grandes investimentos externos e a presença em um ranking mundial de competitividade onde elas possam ser nomeadas como centros de referência mundiais.

Na prática, a aplicação do city-marketing se dá através dos *Planejamentos estratégicos urbanos* que compõem os projetos de *Revitalização* das cidades. Essa aplicação na “reconstrução” desse espaço urbano se estrutura materialmente e por meio de um sistema político-simbólico. Os governos locais juntamente a iniciativas privadas, instituições supranacionais e mídia, formam uma base de produção global legitimadora deste processo modernizador.

Politicamente, instituições supranacionais e agências multilaterais de cooperação como, por exemplo, o BID e o programa de gestão urbana das cidades das nações unidas e empresas privadas atuam junto aos governos locais (prefeituras e governos do estado) criando mecanismos de legitimação desses territórios como exemplos de cidades modelos mundiais.

Essas famosas parcerias público-privada, as PPP, transformam a cidade em um produto e criam uma propaganda com amplo poder de absorção que dialogue com os diversos mercados: o mercado imobiliário, o mercado do turismo e o mercado interno. Essa parceria não atua só politicamente, mas atua diretamente na produção simbólica.

A proposta não é só reorganizar a economia criando uma cidade modelo para empresas investirem ou perfeita para atrair o turismo, mas diminuir as disparidades sociais criando a sensação de um ambiente perfeito, confortável e com qualidade de vida para os próprios moradores da cidade. É muito comum observarmos slogans de cidades como “*quem mora aqui é feliz*” ou “*cidade do futuro*”, eles aumentam nos moradores a sensação de cidadania. Típicas estratégias de marketing onde o pensamento do mercado se coloca acima da lógica das cidades e cidadanias.

O processo é geralmente administrado por um gestor, que atualmente é conhecido com um gestor de cidades e já se configura como profissão e possui cursos acadêmicos nas universidades pelo país. Este novo personagem atravessa a função de um governante trazendo para essa gestão o pensamento do *marketeiro*, do comunicólogo e do investidor.

Desta forma, o Estado interfere na cidade através de práticas neoliberais, onde ele intervém minimamente, realocando a empresa privada e seus gestores como grandes administradores do espaço.

Este posicionamento é visto por *Sánchez Garcia*¹ como uma “notável expansão dos departamentos e agências de comunicação e marketing dentro das respectivas

¹ SÁNCHEZ GARCIA; F. Buscando um lugar ao sol para as cidades: o papel das atuais políticas de promoção urbana. In: Revista Paranaense de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 4, 1999. Disponível em: <www.agbcuritiba.hpg.ig.com.br/Revistas/Rpg3/4fernanda.htm>

estruturas administrativas locais”. Com esse formato percebemos que o discurso criado não se limita somente ao interesse público das cidades, mas se revela uma PPP interessada na produção e venda de um conceito.

A mídia, através dos meios de comunicação e das estratégias de marketing, reforça os valores simbólicos produzidos pelo novo modelo gestor. Por meio da televisão, jornais e, mais recentemente, da internet, a cidade cria e difunde slogans geralmente os associando à ideia de progresso e de sucesso. O governante se coloca como integrante da comunidade e se apresenta como um cidadão-atuante que trabalha em prol da sua cidade e de seus desejos de viver em um lugar ideal, que sirva de modelo para todo o mundo.

É no contexto da globalização que veremos a seguir alguns exemplos de cidade em que o mercado, inserido em uma nova lógica do capital, com suas estratégias de marketing, cria uma nova administração dos espaços e “ocupa” simbólica e materialmente o espaço urbano.

“Várias cidades no mundo nos últimos anos, vêm sendo alvo das grandes intervenções urbanas propostas no Plano Estratégico de Cidades e que, aos poucos, vão configurando um novo ordenamento espacial das mesmas, subsidiado pelas leis do mercado. As exigências mercadológicas atuam como pano de fundo no cenário de grande competitividade entre cidades e impõem grandes transformações às mesmas, para que estas sejam atraentes aos grandes investidores e empreendedores. É o ideário neoliberal imperando nas decisões políticas e conduzindo o futuro das cidades.”²

² AMENDOLA Monica. O ordenamento urbano carioca sob a ótica do plano estratégico de cidades. Revista Geo paisagem (online). Volume 1 , número 2 , 2002.

2 – DE PORTO EM PORTO: Revisitando algumas zonas portuárias

“A sombria história da desindustrialização e da reestruturação deixaram a maioria das grandes cidades do mundo capitalista avançado com poucas opções além da competição entre si, em especial como centros financeiros, de consumo e de entretenimento.” (Harvey, 2005: 92)³

Os casos apresentados abaixo nos mostram que esta relação entre cidade e mercado é uma ação que foi se desencadeando pelo globo. Conseguimos perceber como a realidade do mercado e as crises do sistema capitalista impulsionaram o mesmo comportamento em várias cidades do mundo.

2.1 - O caso de Baltimore

É na década de 50, na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, que temos registrado um dos primeiros casos de revitalização de uma área portuária.

Durante este período Baltimore sofre o processo de decadência de sua Zona Portuária, devido à mudança das grandes indústrias para outros centros acarretando num grande vazio industrial. O desemprego aparece como uma grande consequência desse processo, junto a isso a cidade vive um importante momento histórico de afirmação de um dos mais importantes palcos da luta pelos direitos civis dos negros durante a década de 60.

Aliado a esses fatores, o governo e empresários iniciam uma PPP com um projeto de “revitalização espetáculo”, que investiu na produção de espaços de convivência, centro de convenções, hotéis e Marinas. A legitimação simbólica desse projeto se deu através do discurso de uma cidade sem conflitos, pois a idéia de conflito abalava o progresso conquistado pelos investimentos da iniciativa privada. Por conta disso, abafar a conquista era apagar de Baltimore a história vivida pelos negros na luta por seus direitos.

³ .Harvey, David. Condição pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

Os projetos de revitalização investem em discursos políticos afirmativos pautados na reconstrução de uma história ideal para representar seu território. No caso de Baltimore temos um projeto progressista que coloca e em detrimento um importante processo histórico e de identidade cultural da cidade.

2.2 - O caso de Barcelona

Na década de 80, assim como em outras partes do mundo, a cidade de Barcelona também enfrentou a crise do capitalismo e passa pelo processo de transferências de zonas industriais para outras regiões e iniciou uma fase de privatização de empresas públicas.

Para enfrentar esta crise e dinamizar a sua economia, o poder público, através de parcerias com a iniciativa privada, começou a repensar o espaço público com o objetivo de torná-lo um ambiente competitivo, atraente ao capital externo e ao turismo.

Baseado no conceito do city-marketing, planejamentos de intervenção urbana dentre outras estratégias, o governo de Barcelona iniciou a transformação da cidade, pensando na infra-estrutura. Para essa reestruturação foram realizadas as seguintes ações urbanísticas:

- Valorização da Periferia através da criação de espaços públicos e zonas verdes, que dialogassem com obras de arte e construções de alto valor arquitetônico. Como por exemplo, a criação do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA);
- Recuperação de centros históricos, da Zona Portuária (atração de redes hoteleiras) e de áreas degradadas e;
- Investimento em operações urbanísticas focadas em grandes eventos como os Jogos Olímpicos de 1992: criação de vias expressas, torres de telecomunicações, aeroportos e a construção de vilas olímpicas.

Um estudo feito pela câmara de comércio de Barcelona verificou que as conseqüências dessas ações foram contraditórias com as suas propostas iniciais. Um dos exemplos foi a proposta de tornar a cidade um ambiente atraente ao capital externo. Os

balanços feitos comprovaram que as sedes de grandes empresas espanholas e empresas estrangeiras, na realidade, estavam em sua maioria fixadas em Madrid e não em Barcelona.

A separação dos setores secundários e terciários entre a zona metropolitana e Barcelona fizeram com que a população jovem se transferisse para o entorno metropolitano em busca de emprego e, conseqüentemente, em busca de moradia mais barata. O fato detectou que a população de Barcelona havia estagnado e, com o passar dos anos, fez com que a cidade se tornasse mais velha e o entorno metropolitano aumentasse sua população de jovens.

Não por acaso, aliada aos projetos intervencionistas, Barcelona vendeu uma imagem positiva, de sucessos em suas ações urbanas. O Prêmio Príncipe de Gales de Desenho Urbano e Publicações feitas pelo Banco Mundial deram uma maior visibilidade e reconhecimento de Barcelona no ranking internacional.

Dentro do conceito do City- Marketing, vender a cidade como um exemplo a ser seguido é uma das estratégias chaves para a seguridade e afirmação do projeto como modelo a ser copiado por várias cidades no mundo.

3 – A CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO CONTEXTO DA CIDADE MODELO

3.1 - Breve histórico

Velhos armazéns, trapiches e praias, essa foi a primeira configuração do cais do Porto do Rio. Com uma estrutura muito defasada desde o seu início, a preocupação em tornar o porto um lugar mais atrativo e produtivo, a sua remodelação já estava sendo pensada e estruturada desde meados do século XIX.

No início do século XX, na esteira das reformas urbanas de Pereira Passos, o novo porto do Rio ganha novas facetas no ano de 1910. O Porto agora era integrado às principais vias de acesso, se comunicava diretamente com a Estrada de Ferro da Central do Brasil, através da nova Avenida Francisco Bicalho e integrava toda a sua Zona Portuária que ia do Caju a Praça Mauá através da Criação da Avenida Rodrigues Alves.

A gestão administrativa do Porto sempre foi de responsabilidade da União, que arrendava suas zonas para a concessão de empresas privadas. Com esse formato as empresas somente atuavam na área, mas não se preocupavam com a manutenção do espaço.

A partir do Governo de Getúlio Vargas a administração do Porto passa a ser somente do Estado, quando é criado a A.P.R.J. - Administração do Porto do Rio de Janeiro. O novo órgão, que estava sob a jurisdição do Ministério da Viação e das Obras Públicas, tinha por finalidade pensar na ampliação das acomodações portuárias, manutenção e exploração industrial.

Na década de 70 foi criada a Companhia de Docas do Rio de Janeiro. Este novo órgão passou administrar a Zona Portuária a partir de contratos com empresas privadas que voltaram a arrendar novas áreas que, então, passaram a transferir as atividades portuárias para estes locais. Estas empresas privadas, baseadas nos moldes europeus, começaram a criar terminais portuários containerizados criando áreas vazias em toda a extensão do porto.

3.2 - A construção dos “vazios”

Segue abaixo, o levantamento de alguns dados que juntos contribuíram para o esvaziamento físico e de políticas públicas na Zona Portuária do Rio. Percebemos como o Estado foi aos poucos deixando de investir nesta área e como consequência foi se criando mini zonas de abandono e vazios no centro histórico e financeiro da cidade:

- A transferência da capital do Rio para Brasília na década de 60 e a criação do Estado da Guanabara, reduziram o os investimentos na região;
- A containerização do transporte marítimo, fenômeno comum desta década, desocupou os armazéns do porto transformando os terminais do Caju em retroportos capazes de armazenar containers que pudessem ser facilmente escoados pela presença de uma rodovia, no caso a Avenida Brasil;
- Uma ação semelhante ocorre quando grande parte da atividade de exportação de minérios migra para o Porto de Sepetiba, zona oeste da cidade;
- A construção da Avenida Perimetral tinha como objetivo ligar a zona metropolitana da cidade diretamente a Zona Sul. A construção corta por cima toda a Zona Portuária. A obra criou uma via suspensa na cidade que se comunica com dois pontos fixos na cidade, segregando toda uma região. A facilidade de utilizar uma via expressa, tirou do morador a consciência de uma região e o medo de trafegar por uma área aparentemente vazia;
- A crise econômica da década de 1980 e a explosão do mercado imobiliário. O centro financeiro da cidade foi se deslocando para, na época, a mais recente área da cidade: a Barra da Tijuca;
- O decreto 332/1976 da legislação urbanística que proibiu até o ano de 1994, prédios residenciais na área central do Rio ocasionou em uma redução populacional desta região. Muitos trabalhadores residentes da Zona Metropolitana e trabalhadores do centro acabaram ocupando e aumentando o número da população de ruas no intuito de economizar no trajeto para as suas casas.

3.3 - Vazios?

De fato existem grandes bolsões de vazios na região central do Rio, muitos prédios como o do IAPTEC, LBV situados na Avenida Venezuela, o antigo prédio da Caçula, localizado na Rua Equador, o prédio da CEDAE localizado na Rua Santo Cristo e tantos outros que foram de fato abandonados. Foi realizado um estudo que mostrou que desde que iniciaram o processo de transferência das atividades do Porto, as vilas portuárias reduziram o número de habitantes.

O interessante é pensar que muitos desses prédios abandonados foram de encontro a necessidades urgentes da população, fosse ao âmbito cultural ou de moradia. Ao mesmo que tempo que se criaram vazios, a população foi ocupando esses espaços.

3.3.1 - A ocupação cultural

Sob o olhar da cultura, percebemos que as ocupações dos antigos galpões se deram gradativamente, algumas por relações pessoais e outras na clandestinidade. No ano de 1984, com a criação do Sambódromo, o Carnaval se transforma e se “espetaculariza”.

Em formato de ópera, com grandes arquibancadas e uma praça apoteótica no final, os espectadores do Carnaval agora vêm de cima o que possibilita outra perspectiva da festa. Os carnavalescos diante desse novo formato começam a adaptar seus desfiles àquela nova realidade: os carros passam a ser mais compridos mais altos e cada vez mais ricos em tecnologia.

Na década de 70 os antigos barracões eram no antigo pavilhão do Centro de Tradições Nordestinas, onde as escolas que possuíam maior poder aquisitivo tinham o maior espaço de produção. Com a transformação do Carnaval as escolas foram migrando para a zona portuária e ocupando antigos galpões e armazéns.

Essas ocupações se deram de formatos diferentes, por exemplo, A União da Ilha e o Império Serrano possuíam relações pessoais com as Docas S/A o que possibilitou a ocupação pacífica de antigos galpões. Já outras escolas menores invadiam os espaços sem nenhum acordo prévio. No ano de 1995 a Riotur legalizou a

permanência das escolas de samba nos galpões mediante um acordo que regularizava provisoriamente as ocupações através do abatimento das dívidas de Docas com a Prefeitura, mas o ano passou e o contrato não foi renovado.

Ilegais ou não, foi assim que a produção de uma das maiores manifestações culturais do mundo se deu durante 40 anos.

3.3.2 - No Século XXI, ocupações de moradia

No início do século XXI muitas ocupações foram surgindo na Zona Portuária e na Central do Brasil. Muitos moradores em situação de rua e ativistas de movimentos sociais na luta por uma moradia digna foram se organizando em ocupações pelas áreas centrais e da Zona Portuária do Rio.

Encontramos por essa região as seguintes ocupações⁴: Ocupação Zumbi dos Palmares, Ocupação Quilombo das Guerreiras e Ocupação Flor do Asfalto. Todas elas ocupam antigos prédios abandonados, algumas delas já se estabilizaram e conseguiram um diálogo com o poder público. Outras ainda se encontram na ilegalidade em busca de soluções para esta luta diária.

3.4 - As novas propostas

Foi a partir deste conceito que no início da década de 90, no primeiro mandato do prefeito César Maia, (1993-1996) se inicia a “mercadorização” da cidade do Rio de Janeiro.

Tendo como secretário de Urbanismo Luiz Paulo Conde, a Prefeitura começa a repensar um planejamento urbano para a cidade. As propostas eram de trazer de volta a ordem urbana e pensar a gestão da cidade com um viés competitivo. Para se pensar esse novo planejamento estratégico, a Prefeitura contratou a empresa catalã Technologies Urbanas S.A, empresa responsável pelo planejamento estratégico de Barcelona para os jogos olímpicos de 1992.

⁴ <http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3506>, o texto é da técnica da Fase *Rossana Tavares*, arquiteta e doutoranda em urbanismo pela UFRJ e de *Laura Burocco*, pesquisadora do Ibase, pós-graduada em sociologia urbana pela UERJ.

O planejamento estratégico do Rio foi chamado de *Rio sempre Rio*. Inserido nestes planos se apresentavam os seguintes segmentos: **O Favela Bairro**, com a intenção de integrar as comunidades à cidade. O projeto **Rio Cidade** tinha por objetivo reduzir a violência, diminuir a degradação ambiental, melhorar o sistema de iluminação, criar a Guarda Municipal com o intuito de reorganizar a ordem urbana, inúmeras ações que tinham como discurso criar um bem estar à população em conjunto com uma boa administração dos serviços públicos.

O discurso do “vazio” foi uma das estratégias utilizadas pelo governo para ajudar a legitimar as políticas intervencionistas de revitalização voltadas para a Zona Portuária e Centro Histórico do Rio de Janeiro.

O programa Novas Alternativas surgiu no primeiro mandato de César Maia, mas só começou a ser implementado no governo seguinte do seu atual secretário de Urbanismo, Luiz Paulo Conde (1997-2000).

O objetivo deste programa era de elaborar planos de habitação nas áreas de proteção ao Ambiente Cultural (Lapa, Praça da Cruz Vermelha, Santo Cristo e Gamboa). Esse projeto estava sendo pensando em conjunto com Secretaria Municipal de Cultura para se pensar na moradia e na recuperação de antigos casarios tombados pelo IPHAN.

“Foram elaborados, ainda, na administração do prefeito Luiz Paulo Conde (1997-2000), um ‘sistema de ações’ voltado à implementação de projetos urbanos para os desativados armazéns da Zona Portuária e para a faixa litorânea da área entre o Aeroporto Santos Dumont e a Praça XV, elaborados por Oriól Bohigas, Nuno Portas e alguns funcionários do quadro efetivo da prefeitura do Rio de Janeiro, com base na concepção do Plano Estratégico I – ‘Rio Sempre Rio’, que apresentou alternativas para a produção de um ‘sistema de objetos’ plurifuncional, onde seriam integradas sedes de empresas internacionais, luxuosos hotéis e residências, shoppings centers e novos centros culturais, com o objetivo de reverter o quadro de ‘crise urbana’ proveniente da degradação ambiental e físico-urbanística e do esvaziamento socioeconômico da área central do Rio de Janeiro. Entretanto, esses projetos permaneceram até o final da ‘Era Cesar Maia’ (1993-2008) no papel. Cabe ressaltar que até esse momento, o planejamento da cidade era realizado apenas por técnicos, não havendo um canal de interlocução com a sociedade.”⁵

⁵ Ribeiro, Viviani de Moraes Freitas. A (des)construção do espaço carioca na ‘era César Maia’ (1993-2008): reflexões sobre o modelo de planejamento urbano estratégico e o conjunto de objetos arquitetônicos denominados ‘Pentágono do Milênio’ / Viviani de Moraes Freitas Ribeiro. – 2009.

PARTE II: Início do século XXI, segunda administração do prefeito César Maia

De 2001 a 2004, César Maia inicia o seu segundo mandato como prefeito da cidade do Rio de Janeiro e dá início à construção de pólos culturais padronizados (O Centro de Artes Luís Gonzaga, o Museu Guggenheim, O Estádio Olímpico João Havelange, a Cidade da Música e a Cidade do Samba), que atrairiam os consumidores cidadãos e os turistas e o Rio se tornaria uma cidade modelo para outras cidades.

1- “AS CIDADES DA CIDADE”

No mandato de 2001 a 2004, o então prefeito César Maia lançou o segundo Planejamento Estratégico da cidade do Rio de Janeiro “As Cidades da Cidade”, que viria a ser um desdobramento do primeiro planejamento “Rio Sempre Rio”. Este novo plano tinha como diretriz a recuperação de espaços esvaziados e degradados através da criação de novas centralidades no espaço urbano.

Carregados de conceitos próprios do City-Marketing, o objetivo era recuperar antigos centros e criar novos que tivessem potencial para atrair turistas e transformar os moradores em cidadãos consumidores . Estas novas centralidades criadas seriam pólos turísticos representados por grandes obras arquitetônicas com capacidade de recuperar a vocação esportiva e cultural do Rio de Janeiro.

Os projetos arquitetônicos para recuperação área da cidade foi chamado de Pentágono do Milênio, que constituía nos seguintes equipamentos:

- Centro de Artes Luiz Gonzaga em São Cristóvão;
- Museu de Artes Guggenheim na Praça Mauá;
- Cidade da Música na Barra da Tijuca;
- Estádio Olímpico João Havelange no Engenho de Dentro;
- Cidade do Samba na Gamboa.

O projeto de reordenação urbana não era simplesmente um desejo antigo de revitalização e recuperação vocacional da cidade, mas sim um planejamento estratégico voltado extremamente à abertura do Rio ao capital externo.

Um ponto chave que forçou o poder público a pensar na revitalização, foi a proximidade com os jogos Pan-Americanos de 2007. Pensando ainda no City-Marketing, percebemos que a quantidade de obras e transformações urbanas necessárias a preparação da cidade para um megaevento só poderia ser realizada mediante ao fechamento de Parcerias Público Privadas.

A proposta de uma PPP é que se possa pensar melhor na gestão da cidade antes, durante e pós o evento e que se possa melhorar a infra-estrutura da cidade e beneficiar o cidadão.

Após os jogos pudemos constatar que o balanço não foi um dos melhores: os equipamentos esportivos construídos não foram aproveitados para fomentar ações sociais e esportivas para as comunidade próximas. O sistema de transporte permaneceu o mesmo, as vilas olímpicas foram todas vendidas pela iniciativa privada e em 2007, no ano dos jogos, o legado deixado, foi a maior epidemia de dengue que a cidade já viveu.

1.1 -A cidade do Porto

“A revitalização do Centro, particularmente, da área portuária, é um elemento fundamental para o futuro do Rio de Janeiro. Sem um Centro ativo, vibrante, pólo de decisões políticas e efervescência cultural, nossa Cidade fragmentar-se-ia definitivamente. Apostar no Centro é, primordialmente, um ato de vontade carioca, de respeito pela nossa história, de compreensão que não haverá um futuro melhor divorciado do passado. Embora fundada por Estácio de Sá, lá onde hoje está a Urca, enquanto processo de urbanização o Rio de Janeiro, nasceu no Centro. Nós cariocas somos apegados aos nossos bairros – e essa tendência, longe de esmorecer, vem se acentuando-- mas temos no Centro nosso território comum.”⁶

Além das obras que compunham o Pentágono do Milênio e as obras do Pan, o segundo planejamento estratégico também possuía um braço do projeto que pensava a Revitalização da Zona Portuária. A área já tinha sido foco de inúmeros projetos de revitalização, mas que não obtiveram sucesso. A situação da região era de total abandono por conta do poder público, além da clara degradação física a população dos bairros da região, reduziu de 69 para 39 mil habitantes da década de 80 até os anos 2000.

O planejamento para novo porto na época foi administrado pelo secretário de urbanismo e presidente do Instituto Pereira Passos, Alfredo Sirkis, que dentre outras ações criou a Vila Olímpica da Gamboa, a Cidade do Samba e deu continuidade ao projeto Favela Bairro no Morro da Providência.

⁶ Blog do Alfredo Sirkis,
<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3763747&canal=257&total=18&indice=10>

O texto acima, retirado do blog de Sirkis, reflete um desejo de aposta no Centro da cidade. Fala sobre memória, passado, tradição e a importância de se pensar o futuro desta região.

A Zona Portuária foi contemplada com esses equipamentos culturais e esportivos, mas diferente da proposta do secretário de urbanismo, os bairros que compõe o Porto continuaram precários em segurança, obras de infra-estrutura urbana como drenagem, iluminação, calçamento e outras melhorias necessárias a um melhor desenvolvimento da área.

O projeto de revitalizar a Zona Portuária, não teve continuidade durante as seguintes gestões públicas, mas a proximidade com outros novos mega eventos daria novamente um foco àquela região.

2 - A Pequena África

Analisando a história do Rio de Janeiro, é nas imediações da Zona Portuária onde vemos o “nascimento” de um dos maiores ícones da cultura nacional: o samba. Na Casa da tia Ciata ou na Pedra do Sal, nunca saberemos ao certo o lugar exato. Mas o interessante é pensar que a junção de muitas culturas naquela área possibilitou o desenvolvimento de uma cultura típica do lugar.

Batizada de Pequena África por Heitor dos Prazeres, a antiga Praça Onze, o Canal do Mangue, a Praça Mauá, Santo Cristo e Gamboa formavam essa imensa região. A maciça presença negra por contas das antigas casas de zungus, o tráfico interno de escravos de várias nacionalidades que ainda se mantinha forte naquela área e o cemitério dos pretos novos, tudo isso fazia com que aquele ambiente fosse quase uma mini-África.

Banhada pela Baía de Guanabara e a antiga praia Formosa, A Pequena África, na virada do século XX, com seu antigo porto, foi a porta de entrada da cidade não só de negros , mas também de desembarque de judeus, poloneses, árabes, libaneses, ciganos, ingleses e várias outros grupos étnicos que foram se estabelecendo, se misturando e se desenvolvendo. Os ciganos se estabeleceram na Rua da Constituição, as prostitutas judias se instalaram nas redondezas no Canal do Mangue e nas ruas da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires foi onde se mantiveram os comerciantes árabes e libaneses, a atual SAARA.

Delimitada por esses bairros e por essas diferentes culturas e nacionalidades, pode se afirmar que a Pequena África, foi palco do surgimento do samba e, em consequência, da introdução da cultura negra no carnaval carioca:

“Foi na Praça Onze, centro urbano da Pequena África, que a palavra ‘escola’ foi pela primeira vez associada ao samba. Ismael Silva, músico e compositor, chamou a primeira agremiação de samba do Brasil, a Deixa Falar, criada em 1928 no bairro do Estácio, de ‘escola’ por conta de uma escola de ensino normal que havia por ali... As manifestações carnavalescas que mais se assemelhavam aos desfiles de carnaval hoje eram freqüentados apenas por negros. Os grupos de rancho saíam pelas ruas da Pequena África e tinham como um dos seus objetivos a conquista da bandeira do grupo que

encontrasse durante o desfile...”⁷

Esses fatores foram aos poucos criando a identidade da região Portuária e da Pequena África, o nascimento de um ritmo novo e a transformação da manifestação do carnaval em algo específico que caracterizaram aquele lugar.

2.1- O antigo bairro do carnaval: hoje uma nova centralidade portuária.

“No Rio de Janeiro, o período compreendido entre os dias de Sábado Gordo e Quarta-feira de Cinzas era marcado pelo entrudo e por desfiles de blocos ou grandes sociedades, corsos (grupos de foliões com fantasias iguais ou de mesmo tema, que saíam em carros conversíveis pelas ruas mais importantes da cidade e eram aguardados com entusiasmo pela população), clubes, ranchos e, a partir do final da década de 1920, escolas de samba.”⁸

As manifestações culturais que nasceram nessa região também se transformaram neste mesmo espaço. Na década de 30, alguns antigos ranchos e blocos carnavalescos começaram a se transformar em escolas de samba. É importante salientar que mesmo sendo uma manifestação que atingia todas as classes sociais, o nascimento das escolas de samba foi primordialmente feito por negros e pessoas de classes mais baixas que viviam ou possuíam alguma ligação com a Zona Portuária. “O pessoal das docas, da estiva, do arrumador e dos blocos, os antigos da época do meu avó e do meu pai sempre tiveram ligação com quem era de dentro do carnaval eles eram das docas, do porto”⁹

Este fato demonstra a ligação íntima do carnaval carioca com a área. A manifestação nasce, cresce, circula e se transforma através das pessoas que trabalhavam, residiam ou viviam naquele espaço geográfico.

É do ano de 1932, o registro do primeiro desfile de escolas de samba. O desfile contou com 19 agremiações e ocorreu ainda na antiga Praça Onze. Nessa mesma época, durante a ditadura de Vargas o samba e o carnaval se transformam, ganham uma maior proporção e o samba foi reconhecido e elevado a símbolo nacional.

⁷ Texto de Milton Mendonça Teixeira na Revista Inteligência Empresarial. Número 35.2011 uma publicação trimestral do centro de referência em inteligência empresarial. CRIE/COPE/UFRJ. ISSN 1517-3860

⁸ Diniz, André, 1975- Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 2.ed. rev. ampliada – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED

⁹ Depoimento de Dona Regina, Cozinheira do barracão da Pimpolhos da Grande Rio.

Na década de 40, o Rio assistiu a demolição da Praça Onze e a abertura da Avenida Presidente Vargas. Neste período as Avenidas Rio Branco Presidente Vargas e Presidente Antônio Carlos, passam a ser os novos palcos dos desfiles.

Nessa época o Carnaval ainda não possuía grandes recursos alegóricos, a fantasia e os sambas-enredo eram os grandes motes da manifestação.

“Na década de 40, afirma o pesquisador, grandes escolas, como Mangueira e Portela, passaram a exibir pequenos carros alegóricos. Mas os registros são raros. Os olhos dos fotógrafos- e do público - estavam voltados para os sambistas. As alegorias só ganhariam importância em meados dos anos 60”¹⁰

A produção do Carnaval nessa época ainda era muito pequena, as fantasias eram produzidas em pequenos ateliês e nas casas dos componentes da escola, que ainda eram poucos, não existia a venda de fantasias, elas eram feitas no sentido de brincar o carnaval e representar a agremiação, a figura mais importante do carnaval era o sambista.

Já na década de 70, os carros alegóricos ganham mais visibilidade, os sambistas que antes vinham no chão, passam a ocupar um espaço dentro desta alegoria. O primeiro carnavalesco a pensar nisto é Joãozinho Trinta, que em 1974, coloca seu primeiro destaque de luxo em cima do carro. Tal acontecimento não foi visto com bons olhos pelas velhas guardas do Carnaval. A partir desta década, a mídia também passa enxergar o carnaval como potência, a transmissão dos desfiles para o país e para o mundo passa a fazer parte do roteiro da festa popular.

Na década de 80, mais precisamente em 1984, temos uma importante mudança no Carnaval carioca, a criação do sambódromo. A passarela do samba é o mais novo cenário das escolas de samba. Com a sua criação, muitas mudanças ocorrem no desfile: a construção de grandes arquibancadas fixas distanciou o público e mudou a visão do desfile, ao invés de acompanhar de perto, a festa agora era vista de cima, como uma grande ópera popular.

¹⁰ Alegorias, esculturas de uma ópera popular. Realização Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

2.2 O Surgimento do Espetáculo.

As mudanças no carnaval ocasionaram em mudanças na produção do mesmo. O que antes era produzido na própria avenida horas antes do desfile, depois passou para o antigo pavilhão de São Cristóvão, onde várias escolas dividiam um mesmo espaço para construir seu desfile. Com o surgimento do sambódromo, as escolas passaram a diversificar e aumentar a produção do desfile e a procurar espaços maiores para fazer um carnaval condizente com o Sambódromo.

Por conta disto, as antigas relações que o Carnaval mantinha com o jogo do bicho, com as docas e os estivadores formaram uma aliança que possibilitou que os antigos armazéns na Zona Portuária fossem sendo ocupados por estas agremiações. Segundo depoimentos de pessoas antigas no Carnaval, as ocupações não foram pacíficas. Os espaços eram abandonados, foi preciso usar da violência para se manter em cada “barracão” daquele. A ligação com o jogo do bicho foi responsável pela violência nesse processo de ocupação.

Durante a década de 80 e 90 até os anos 2000, o Carnaval a cada ano que passava se espetacularizava mais: o número de carros alegóricos aumentava tanto quanto o número de componentes. O boom da alta tecnologia levou novos experimentos a Marquês de Sapucaí. A Indústria Cultural começava a absorver o Carnaval, hoje o espetáculo possui um mercado próprio que consegue se auto gerir e passa a se sustentar durante o ano todo.

Após quase vinte anos produzindo um Carnaval cada vez mais luxuoso e competitivo em ambientes degradados, a LIESA, Liga Independente das Escolas de Samba começou a pensar logisticamente em um espaço para a produção do Carnaval. Este pensamento não foi somente no sentido estrutural, mas também no sentido de estipular regras, como a definição da duração dos desfiles, punições para atrasos das escolas, tamanho dos carros alegóricos entre outros quesitos, criando, assim, um formato padrão para o carnaval nos moldes que conhecemos hoje.

“A prefeitura já havia privatizado o carnaval... a venda das fantasias, dos camarotes, das frisas, tudo isso já gerava renda para a LIESA.... Nessa época a Liga me procurou com um projeto para a cidade do samba. O nosso pensamento na época era destruir o sambódromo e reconstruí-lo na Barra da Tijuca, a sorte foi que o terreno da RFSA estava sendo vendido a preço de

banana. Fizemos a licitação e o escritório de arquitetura que venceu começou a construção da Fábrica de sonhos do carnaval...”¹¹

¹¹ Depoimento do ex-prefeito César Maia, concedido para a realização desta monografia.

3- Construção de sentidos e teias de significados

No ano de 2003, a Prefeitura estava se preparando para os jogos Pan-Americanos e desenvolvendo projetos na Zona Portuária, como já citado anteriormente. Mas a preocupação com a cultura do samba e do Carnaval, que há mais de um século se desenvolvia naquela área, não interessava ao poder público. A Zona Portuária, dentro do segundo planejamento estratégico da cidade do Rio de Janeiro, seria uma nova centralidade, pronta para receber os cidadãos e turistas, pólo turístico e área de preservação do centro histórico da cidade.

“Quer dizer, a sua construção atua na cidade do Rio de Janeiro, enquanto proposta de revitalização da região da Gamboa aliada à implementação da política de ativação social, via turismo, propiciada pelo samba, enquanto manifestação cultural. Esse empreendimento demonstra, especialmente, que o samba constitui, hoje, parte de uma cultura musical globalizada”

No ano de 2005 a Cidade do Samba foi entregue a LIESA, um novo “centro” havia sido criado. É interessante pensar que a idéia de vocação, citada nos tópicos anteriores, foi incentivada pelo governo e transmitida por meio da implementação dos objetos arquitetônicos culturais e esportivos criados durante esse planejamento estratégico.

Se pensarmos que o poder público, ao criar essas centralidades, estava interessado em recuperar o potencial de vocação dessas áreas, com a construção da Cidade do Samba, ele reforçava para aquela comunidade o valor e a importância da cultura do Carnaval e do samba para a Zona Portuária.

Esse discurso reforçou não só a importância do Carnaval espetáculo produzido pelas escolas de samba do grupo especial, mas também ao carnaval produzido pelas escolas de acesso A, B, C, D, E e as escolas de samba mirins, que também têm seus barracões espalhados pela Pequena África.

Após a criação da Cidade do Samba, o mercado do Carnaval no entorno passou a ser quase todo voltado para a manifestação. Ateliês de fantasias e destaques, lojas de gás e oxigênio (material básico para produção de ferragem dos carros), lojas de produção de placas de acetato (material utilizado em fantasias e carros), borracheiros de

carros alegóricos, bares e restaurantes para atender essa mão de obra. Não que essa cadeia produtiva não existisse antes da Cidade do Samba, mas muito precariamente na região, após as obras, ela também começa a se reorganizar.

“O espaço arquitetônico e urbanístico, quando responde à encomenda social [commandesociale], aquela dos “promotores” e aquela dos “poderes”, contribui então ativa e abertamente para a reprodução das relações sociais. É o espaço programado.” (LEFEBVRE, 1973, p. 122)

É neste sentido que é possível afirmar que, após a criação da cidade do samba, existe uma legitimação pelo poder público, daquela área como a área do Carnaval. Após séculos formando uma identidade carioca, criando um Carnaval muito particular e produzindo o maior show da Terra, como dizem alguns, mesmo sendo um mecanismo de valorização e legitimação, não existe por parte do governo, nenhuma preocupação com a infra-estrutura básica da região.

Os outros quase 50 armazéns antigos ocupados pelos barracões de inúmeras escolas de samba ainda são precários e mantêm as mesmas características do ano de sua criação, 1910. Os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo permanecem sem serviços básicos prestados pelo Estado, como luz, água e saneamento básico em várias áreas, o abandono é real.

PARTE III: revitalização do Porto, para quem?

No ano de 2007 o Brasil se tornou sede da Copa de 2014, dois anos depois sede das Olimpíadas de 2016. O Projeto Porto Maravilha, que estava na gaveta, voltou à tona com um novo formato.

1 – Lançamento do Projeto do Porto Maravilha:

No ano de 2009, dois anos após a escolha do Brasil como sede da Copa, a Prefeitura do Rio lançou o Projeto Porto Maravilha. Novamente, o Estado trouxe à tona o discurso de revitalização, preservação e valorização da Zona Portuária e da história da cidade do Rio de Janeiro. Um projeto, novamente, baseado nos princípios básicos do City-Marketing que visam criar uma cidade mercadoria, estabelecer parcerias público privadas para melhor gestão e transformar o cidadão em participativo e consumidor do próprio ambiente.

“Porto Maravilha: um sonho que virou realidade

O Brasil vem apresentando um crescimento consistente nos últimos anos. O Rio de Janeiro dá claros sinais de uma nova dinâmica econômica, impulsionada pelos grandes eventos que vão ocorrer na cidade nos próximos anos. A Operação Urbana Porto Maravilha está preparando a Região Portuária, há muitos anos relegada a segundo plano, para integrar este processo de desenvolvimento.

*A **Lei Municipal n° 101/2009** criou a Operação Urbana Consorciada da Área de Especial Interesse Urbanístico da Região Portuária do Rio de Janeiro. Sua finalidade é promover a reestruturação local, por meio da ampliação, articulação e requalificação dos espaços públicos da região, visando à melhoria da qualidade de vida de seus atuais e futuros moradores e à sustentabilidade ambiental e socioeconômica da área. O projeto abrange uma área de 5 milhões de metros quadrados, que tem como limites as Avenidas Presidente Vargas, Rodrigues Alves, Rio Branco, e Francisco Bicalho.*

Operação urbana é uma ação estratégica e inovadora da Prefeitura do Rio de Janeiro com pleno apoio dos Governos Estadual e Federal. Além de criar novas condições de trabalho, moradia, transporte, cultura e lazer para a população que ali vive, fomenta expressivamente o desenvolvimento econômico da região. Já estão adiantadas as obras da primeira fase, que incluem a construção de novas redes de água, esgoto e drenagem nas avenidas Barão de Tefé e Venezuela e a urbanização do Morro da Conceição, além da restauração dos Jardins Suspensos do Valongo.

Ainda em 2011, inicia-se a segunda fase de trabalhos: toda a região será reurbanizada até 2015 e um novo padrão de qualidade dos serviços urbanos será introduzido, como, por exemplo, coleta seletiva de lixo e iluminação pública eficiente e econômica. Como complemento às intervenções urbanísticas já mencionadas, pode-se citar as importantes mudanças viárias: a demolição do Elevado da Perimetral, a transformação da Avenida Rodrigues Alves em via expressa, a criação de uma nova e rota, chamada provisoriamente de Binário do Porto, e a reurbanização de 70 km de vias.

*O Porto Maravilha também realizará ações para a valorização do patrimônio histórico da região, bem como a promoção do desenvolvimento social e econômico para a população. A implantação de projetos de grande impacto cultural, como o **Museu de Arte do Rio de Janeiro (Mar)**, na Praça Mauá, e o **Museu do Amanhã**, no Pier Mauá, ambos em parceria com a Fundação Roberto Marinho, darão nova cara à entrada do porto.*

*Para coordenar o processo de implantação do Porto Maravilha, foi criada a **Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP)**, empresa de economia mista, controlada pela Prefeitura. A CDURP tem como principais funções implementar e gerir a concessão de obras e serviços públicos na região, além de administrar os recursos patrimoniais e financeiros referentes ao projeto.*

Como as obras serão financiadas?

*Para atrair o interesse de investidores e conseguir financiamento para as obras de renovação urbana do Porto Maravilha, a **Lei Municipal Complementar n° 101/2009** autoriza o aumento do potencial construtivo na região, ou seja, permite a construção além dos limites atuais, com exceção das áreas de preservação, de patrimônio cultural e arquitetônico, e dos prédios destinados ao serviço público. Para explorar este novo potencial construtivo, os interessados deverão comprar os Certificados de Potencial Adicional Construtivo (CEPACs). Todo o valor arrecadado*

com a venda dos CEPACs é obrigatoriamente investido na melhoria da infraestrutura urbana e em serviços na região.”¹²

Ao navegar pelo web site do Porto Maravilha, é possível analisá-lo como um grande projeto urbanístico que consegue em seu planejamento estratégico abranger:

- Obras de Infra-estrutura como recuperação de calçamentos, drenagem, de iluminação, tratamento de esgoto;
- Plantio de árvores, construções de prédios com tetos verdes ou com aquecimento solar;
- Manutenção dos patrimônios culturais materiais e imateriais, revitalizações de antigos casarios e armazéns;
- Programas de desenvolvimento social para os moradores e trabalhadores da região;

Mesmo analisando o alto potencial de desenvolvimento do projeto por unir várias esferas necessárias a um projeto de cidade em um único planejamento, encontramos várias incongruências passíveis a crítica.

¹² <http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/canalSocProgValor.aspx>

2 - Políticas de Remoções

A primeira ressalva ao Porto Maravilha se encontra no fato de que o objetivo real não é o da revitalização pela revitalização. Assim como ocorreu em Barcelona, os projetos estavam totalmente interligados aos mega-eventos. Esta foi a ponte para se pensar em desenvolver projetos de melhorias do espaço urbano. No caso do Rio, o Estado volta seus olhares ao porto, não por seu valor histórico e sua deficiência urbana, mas por ter encontrado nestes “vazios” a capacidade de serem transformados em mercado.

O rolo compressor é ágil. Para se concluir um planejamento que envolve uma área de cinco milhões de metros quadrados é preciso passar por cima de algumas questões básicas referentes à região. O Rio de Janeiro é uma cidade que foi construída a base de remoções e “bota-abaixos”, não seria nenhuma novidade pensar que as antigas estratégias continuariam sendo usadas nos dias de hoje.

O morro da Providência, considerada a primeira favela brasileira, segundo a história, foi ocupada por soldados vindos da guerra de canudos com a promessa de moradia. Hoje em dia a história se inverte. A construção de um teleférico que liga a Central do Brasil ao Morro vai desabrigar moradores. Muitas casas já foram marcadas pela Prefeitura e estão com os dias contados para serem demolidas. Os moradores que tiverem que deixar suas casas terão a opção, senão única saída, de receber um aluguel cidadão de R\$ 400,00 e R\$ 10.000 para a compra de um novo imóvel em algum outro lugar da cidade.

A comunidade do Carnaval também está passando pelo mesmo processo. O Carandiru, antigo galpão na zona portuária, que recebeu esse nome por conta das péssimas condições de trabalho e moradia no interior dele, já está sendo desalojado. Dentro deste imenso barracão conviviam escolas do grupo de acesso D e E. No mês de outubro de 2011, o galpão recebeu uma ordem de despejo. Os representantes das agremiações conseguiram dialogar com a prefeitura no sentido de ganhar tempo, mas, mesmo com o tempo ganho, as escolas tiveram que desocupar o Carandiru e se deslocar para um galpão vazio no bairro do Caju. Foi divulgado nos meios de comunicação a Cedurp, havia comemorado a transferência da comunidade carnavalesca para um lugar

menos insalubre, só não foi divulgaram a informação de que este novo espaço não possuía teto.

Uma segunda Cidade do Samba, o planeta do samba mirim e outras possibilidades são cogitadas pelo poder público e aguardadas por outras 50 escolas de samba que também possuem seu barracão na Zona Portuária. Mesmo com o futuro incerto, o carnaval de 2012 acontecerá daqui há dois meses e, por isso, nem a produção nem o samba podem parar.

3 - Cidade Olímpica

Assim como aconteceu em Barcelona, Curitiba e outras cidades que tiveram seus projetos urbanísticos baseados no city-marketing, foi necessário grande investimento na parte de publicidade do projeto. É preciso vender essa cidade para que ela se torne de fato um produto. Slogans, sites, redes sociais, associações com instituições Supranacionais, e outras estratégias de mídia auxiliam na construção de uma identidade visual associada a valores e características da cidade e dos cidadãos.

Pensando nos veículos de mídia que estão espalhados pela cidade e na internet, é possível se deparar com o slogan “Cidade Olímpica”. A imagem associada a ele é sempre a de um atleta e um trabalhador das obras do projeto, onde esse operário é chamado de “Trabalhador Olímpico”. Já no rádio é veiculada a seguinte propaganda: “No Rio todos são vencedores”.

É criado algo chamado de ilusão cidadã, onde se produz uma falsa cidadania. Ver a imagem de um atleta e um operário juntos trabalhando por uma mesma causa, ouvir frases de efeito no rádio, são estratégias para levar o cidadão não a colaborar ativamente com a execução, mas a apoiar o projeto e confiar no seu potencial transformador.

Em uma esfera menor, mas não menos importante, quando caminhamos pela Zona Portuária, pode se identificar que os funcionários da Comlurb, de Iluminação das ruas, de poda de árvores e da Guarda Municipal, que atuam pela área do porto, já não possuem mais os uniformes próprios dos órgãos municipais. O Consórcio Porto Novo, que terceirizou os serviços da região, padronizou os uniformes de todos esses serviços para um único modelo que representa as cores e o nome da empresa.

Nas redes sociais, febre do mundo virtual atualmente, o Projeto também está representado: as notícias veiculadas são sempre notícias de conquistas que o projeto conseguiu alcançar. Através de cada instrumento o projeto ganha força e se legitima como um empreendimento de sucesso. A intenção é de se produzir um discurso único e uma imagem síntese que consiga representar a totalidade do projeto. Segundo Lefebrev, os espaços urbanos adquirem qualidades materiais e valor simbólico através de atividade de representação. A junção do poder público, da iniciativa privada,

comunicólogos e outros segmentos da sociedade agem simbolicamente no sentido de atingir esta legitimação.

O Projeto Porto Maravilha ao mesmo tempo em que constrói suas bases simbólicas de atuação na cidade, ocupa ela de fato. Atualmente muitas obras já estão em andamento, como por exemplo, as escavações do Cais do Valongo, as primeiras obras para a demolição da perimetral e outras.

O questionamento do cidadão neste momento introdutório é a competência do projeto, incertezas e esperanças se misturam. Como ele vai interferir na cidade e na sua rotina diária, o que ficará pronto no prazo, qual de fato será o legado deixado pelas obras dos megaeventos? As propostas de uma cidade olímpica e de um porto maravilha já foram lançadas.

4 – As vozes do Porto

Um ano após o lançamento do projeto Porto maravilha a comunidade da Zona Portuária, junto a alguns segmentos do poder público, representantes de Universidade e sociedade civil começaram a desenvolver uma reflexão e uma discussão crítica acerca do projeto em formato de um fórum popular. Representantes das ocupações, de agremiações carnavalescas, moradores do morro da Providência, do Pinto e do Livramento, associações sociais e culturais, dentre outros, juntos falaram sobre moradia, transporte, educação, sustentabilidade e outras preocupações da sociedade com relação às atuações e possíveis conseqüências do projeto. Todos tiveram um lugar aberto ao diálogo e a ajudas emergenciais, como por exemplo, remoções de moradores e de escolas de samba. Mesmo juntando interesses diversos, a importância do Fórum se deve ao fato de ser um espaço que ampliou para a sociedade a discussão sobre o Porto Maravilha.

A Escola de Samba Mirim Pimpolhos da Grande Rio possui seu barracão na Zona Portuária também é integrante do Fórum Comunitário do Porto e apesar de ainda não ter recebido notificação, sabe que seu barracão está lista dos despejos. Durante oito anos, a escola mirim desenvolveu enredos educativos ligados a consciência ambiental, social e cultural. Este ano, a Pimpolhos, ameaçada de perder seu espaço de produção dá seu grito de alerta, na preparação para o carnaval de 2012, lançou o seu enredo: *As maravilhas da Pequena África*. Onde conta para as crianças de Caxias, a importância do porto, da Pequena África e de seu barracão para o samba e para o carnaval.

Sexta-feira, dia 17 de fevereiro, será a abertura oficial do carnaval carioca de 2012, no desfile das escolas de samba mirins, 2000 crianças vão cantar na Marquês de Sapucaí a importância da sua história:

“...Mas a coisa de complica E o progresso aqui chegou! Din din donde amor nos vamos morar, tome Providência seu Doutor a Perfeitura quer comer o meu Fubá... Eu sou Pimpolhos, vou avançar brincar com o samba e ser feliz, as maravilhas da Pequena África, futuro desse meu país!”¹³

¹³ Samba Enredo de 2012 do G.R.C.E.S.M. Pimpolhos da Grande Rio

CONCLUSÃO

Durante o século XX o samba, o carnaval e a cultura negra carioca se desenvolveram e se transformaram na região central do Rio de Janeiro. Com as reformas urbanas, grande parte da população foi removida do centro e passou a ocupar os bairros mais distantes desenvolvendo sua produção cultural nestes espaços, mas a grande parte da produção se concentrava no Centro.

Se pensarmos na memória do espaço físico, esta região é marcada por estas manifestações e durante o passar dos anos foi se colocando como algo particular deste espaço. Pensando especificamente no carnaval, vemos entre o final da década de 80 e os anos 2000, dois símbolos arquitetônicos legitimadores da cultura carnavalesca, o Sambódromo e a Cidade do Samba. Mesmo com algumas controvérsias, quando a Prefeitura “cria” esses espaços, automaticamente se estabelece um canal que comunica ao povo que naquela região está viva a cultura do carnaval.

Juntamente com o lançamento do Porto Maravilha se cria o discurso da cidade olímpica. Esse discurso se sobrepõe a realidade existente, o que antes era uma *cidade do carnaval* se transforma na cidade dos esportes, uma cidade que compete e que obtém o sucesso. Com isso entendemos que este mesmo Estado que legitima uma manifestação cultural pode facilmente, por questões econômicas, deslegitimá-la.

Quando analisamos as escavações do Cais do Valongo entendemos melhor os mecanismos de legitimação utilizados pelo poder público. Revitalizar o Porto do Rio é tocar em questões de patrimônio e de tradição, por conta disso, preservar a cultura dos escravos que chegaram naquele cais há quase 200 anos, aos olhares do Estado, parece mais interessante.

A história do carnaval carioca faz parte de um passado recente. O processo de ocupação dos antigos galpões tem somente 20 anos, lutar pela permanência dos barracões é, antes de tudo, uma luta simbólica, *patrimonialmente* não possui relevância. Para se ter valor simbólico, a cultura precisa estar cristalizada em algum lugar da história.

“Conforme dispõe o art. 216 da Constituição Federal de 1988, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DINIZ, André. **Almanaque do Samba: a história do samba, o que ouvir o que ler, onde curtir**. 2ª edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

Alegorias, esculturas de uma ópera popular – Livro produzido pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Revista Inteligência Empresarial – Porto Maravilha e a Pequena África. Número 35.2011. Uma publicação trimestral do centro de referência em inteligência empresarial. CRIE/COPE/UFRJ. ISSN 1517-3860.

FERREIRA, Alvaro. **O projeto “Porto Maravilha” no Rio de Janeiro: inspiração em Barcelona e produção a serviço do capital ?**. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 895 (21), 5 de noviembre de 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-895/b3w-895-21.htm>>

RIBEIRO, Viviani de Moraes Freitas. **A (des)construção do espaço carioca na ‘era César Maia’ (1993-2008) : reflexões sobre o modelo de planejamento urbano estratégico e o conjunto de objetos arquitetônicos denominados ‘Pentágono do Milênio’** - 2009.

GODOY, P. R. T. de. **A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva Lefebvrina**. GEOUSP - Espaço e Tempo. São Paulo, Nº 23, 2008

Cidade e Carandiru do Samba: Etnografias da construção do desfile. Ricardo José de Oliveira Barbieri Mestrando em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A Zona Portuária: antecedentes e perspectivas. Fernando Fernandes de Mello
Dissertação submetida ao corpo docente do instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

VALENÇA, Máslova T. **Trabalho e educação nos barracões de escolas de samba entre a conformação e a resistência.** SENAC-DN - maslova@senac.com GT: Trabalho e Educação / n. 09 Agência Financiadora: Sem Financiamento

VAZ, Lilian Fessler e SILVEIRA, Carmem Beatriz. **Áreas centrais, projetos urbanísticos e vazios urbanos.** * Este texto é produto do projeto de pesquisa "Processos de transformação em áreas centrais metropolitanas - o espaço construído nas políticas, planos e projetos urbanos". Apoio CNPq,UFRJ, FAPERJ e FUJB. 1999

AMENDOLA, Monica. **O ordenamento urbano carioca sob a ótica do plano estratégico de cidades.** Revista geo-paisagem (online). Volume 1 número 2. 2002.

Sites consultados:

http://www.chiqdasilva.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=56:imgtxt01&catid=3:textos&Itemid=4

<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3763747&canal=257&total=18&indice=10>

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_16/contemporanea_n16_11_tardin.pdf

<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-181.htm>

<http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3506>

<http://www.portomaravilha.com.br/>